

## **A QUESTÃO AMBIENTAL NAS SÉRIES INICIAIS: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA DE ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL ANTÔNIO JOSE SOARES, CRATO-CEARÁ.**

SELTON DAVID CAVALCANTE SOBRAL, ANE CAROLINE RODRIGUES LEITE, SUELEN DOROTH CAVALCANTE SOBRAL, CLAUDIA ARAUJO MARCO

IntroduçãoAs primeiras preocupações sobre a importância de investir em educação ambiental foram explicitadas na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente, realizada em Estocolmo em 1972, a qual foi responsável pela repercussão da questão ambiental em âmbito mundial. Alguns preceitos estabelecidos nesse evento dizem respeito à necessidade de uma concepção multidisciplinar para essa nova área de conhecimento, levando-se em consideração todos os níveis de ensino, inclusive o não-formal, a fim de sensibilizar profundamente a sociedade em relação aos problemas ambientais. Em 1977, em Tbilisi - Geórgia (ex-URSS), a ONU realizou a I Conferência Intergovernamental sobre Educação para o Ambiente, recomendando a atenção para alguns aspectos indissociáveis da educação ambiental, como os aspectos políticos, os sociais, os econômicos, os científicos, os éticos, os culturais e os ecológicos. Dessa forma, a educação ambiental deve reorientar e articular diversas disciplinas e experiências educativas que facilitem a visão integrada do meio ambiente, proporcionando vinculação mais estreita entre os processos educativos e a realidade. Devem-se, ainda, estruturar as atividades exercidas em torno dos problemas da comunidade em que se localiza a escola, de modo globalizado e interdisciplinar.

ObjetivoApresentar a visão geral das crianças quanto a sustentabilidade ambiental na escola de ensino infantil e fundamental Antônio Jose Soares.

MetodologiaMetodologicamente, este trabalho se constitui por ser quantitativo, com aplicação de questionários e, bibliográfico por ter seu fundamento teórico advindo de livros e artigos científicos. Para obtenção dos dados foram aplicados 26 questionários a alunos do 5º da Escola de ensino infantil e fundamental Antônio Jose Soares.

Resultados O conceito de sustentabilidade, ecologia, ecopedagogia, ecodesenvolvimento, dentre outros desencadeamentos, estão rotineiramente associados a conceitos, como planta, reciclagem, redução da poluição, reflorestamento e entre outros, porém, poderemos constatar que sustentabilidade vai muito além destes conceitos-chaves; ultrapassa a barreira sobreposta, escancara os problemas ao passo que propõe alternativas para o bem viver. É por isso e muito mais, que uma série de fatores posteriormente abordados, irão retratar da forma como que uma turma de 26 alunos enxerga a sustentabilidade. Para isto, foi feito um balanceamento das principais palavras relacionadas à sustentabilidade. Na tabela 1 é fácil notar que aquelas palavras destacadas anteriormente, que trazem consigo uma herança muito forte do que seria ou poderia ser a sustentabilidade, sobretudo, a questão é: como as crianças veem sustentabilidade; sentem-na; compreendem-na Em primeiríssimo lugar, estar a associação da palavra sustentabilidade à reciclagem, acompanhada da preservação ambiental e limpeza de ruas como segundo lugar, e em terceiro, o reflorestamento. Essas três mais apontadas palavras, indicam que o estereótipo do que sugere aquele conceito já está formada, à força de uma mídia desinteressada, desapropriada do saber e das inteligibilidades das coisas, como é o fato de vender uma imagem da sustentabilidade, usurpando o seu direito de causa modeladora, urgente e reflexiva. Essa média revela ainda, que temos uma imagem acerca da sustentabilidade ainda muito obsoleta, aquém daquilo que tem como proposta uma vida saudável, com maior qualidade de vida, equiparado no “bem viver”, proposto por Alberto Acosta. O “Bem Viver” chama atenção para algumas armadilhas, como o “mercantilismo ambiental exacerbado há várias décadas e que não contribuiu para melhorar a situação”. Entram aí os conceitos de “economia verde”, “desenvolvimento sustentável” que têm sido apenas uma espécie de “maquiagem desimportante e distrativa”. Os indicadores ambientais e sociais, que surgem em profusão, não conseguem chegar a um acordo e, na visão de Acosta, “acabam por cercear ideias inovadoras” (GONZALEZ, 2016). A base do pensamento do “Bem Viver” é indígena. Entre as muitas contribuições sobre o tema aceitos pelos organizadores do pensamento, há reflexões da comunidade Sarayaku, na província de Pastaza, Equador, onde se elaborou um “plano de vida” que sintetiza princípios fundamentais do “Bem Viver” (ibidem).É difícil resumir a proposta desse conceito porque ele vai de um polo a outro, o que torna a minha tarefa aqui bem complexa. O “Bem Viver”, além de fazer parte da constituição do Equador e da Bolívia, tem sido debatido em outras partes do mundo. Países europeus, como Espanha e Alemanha, já têm seguidores desse conceito. Mas, antes que haja uma confusão, é bom dizer: não se

<http://sistemas.urca.br/URCA-Eventos/anais>

trata de estimular o “dolce far niente”, a arte de não fazer nada. Como está escrito no subtítulo do livro, a questão aqui é imaginar outros mundos possíveis, tarefa que, por sinal, vem sendo tentada pela humanidade desde sempre. Em alguns momentos, lendo o livro de Acosta, recordei trechos do “Nosso Futuro Comum”, relatório final da longuíssima reunião proposta pelas Nações Unidas e conduzida por Gro Brundtland, ex-primeira-ministra da Noruega, de 1984 a 1987 (GONZALEZ, 2016). Esses dados revelam ainda que a ecopedagogia, aquela proposta por Moacyr Gadotti, ainda permanece quase que intocável no ambiente interno e externo à escola. As crianças não sabem o que está incluído no pacote que acompanha a proposta de um “bem viver”, de uma mudança social integrada à luz de revoluções na área econômica, política, social e ambiental e não somente a preservação ambiental, a reciclagem e o reflorestamento, uma vez que estes são apenas algumas das parcelas inclusas nesse projeto de construção econômico, social, político e ambientalmente corretos. Reforço a ideia acima já debatida, quando cito que é impossível se pensar em Educar para a Sustentabilidade ou Educar para uma Vida sustentável, se antes disso não houver o interesse diário, por uma prática coerente frente às necessidades atuais consciente de seus limites e possibilidades, isso tem mais a ver com uma educação libertadora do que mecanicista ou funcional. Será que o planeta e todas as suas vértices estão em comum acordo quanto à necessidade de uma reconstrução/reflexão/modificação dos valores incutidos na sociedade? Pior que isso, quem está disposto a pagar a conta e ajudar na limpeza da “casa” e na renovação da mobília? Será se colocar o poder nas mãos do poder público resolverá o problema como um todo? Mas, será se nós ajudássemos também esse ganho não seria três vezes mais profícuo? É preciso concordar que sim, se não por uma ideologia, mas por uma questão de lógica. Movimenta-se dentro do conceito de sustentabilidade, alguns princípios norteadores intangíveis, como o cuidar, preservar e garantir o direito a ser diferente, à diversidade. Isso também é uma forma de preservar o amanhã das gerações futuras, preservando os seus valores e saberes construídos historicamente. Não usurpar, reduzir ou impedir qualquer prática cultura ligada aos antecedentes de uma dada região/localidade é também uma maneira de respeitar a natureza e contribuir para a sua manutenção de forma saudável e justa. Estamos imbuídos dentro de um colapso, mecanicista, diga-se de passagem. Promovido pelos moldes modernos, midiáticos e políticos. Por todo canto há jogo de interesses, inclusive, há interesse em saber o que pensamos, como agimos e o que fazemos para construir um mundo melhor para os nossos futuros descendentes. Uma vez que estas ideias são enraizadas por manifestações contrárias à lógica do sistema universal capitalista, há que imaginar que estas são estopim para uma reviravolta tremenda, que pode pôr em jogo todo o circuito construído em torno do reinado capitalista. Pensar na educação das crianças, na Ecopedagogia, é pensar em uma maneira de sobrepujar a hostilidade desse sistema funcional e demasiadamente depredador. Vale ressaltar que, coleta seletiva, limpeza das ruas e dos rios, o respeito às diferenças e o não desmatar estão em um patamar de igual importância em relação às outras questões de caráter mais subjetivo, como as de: respeitar as diferenças, valorização da cultura e saberes, espiritualidade e, etc. Muito embora, não sejam condição suficiente para resolver o problema global latente. Há quem diga que a educação é o caminho, há quem deseja não atribuir à ela o papel salvífico humanista. Seja um ou outro, ficar parado, não formar o capital humano (desde a infância) para a compreensão dos problemas emergentes, não dar condições para que este capital participe ativamente sobre as decisões políticas é recair no ditador popular: “descobrir um santo para cobrir outro”. O desenvolvimento como liberdade deve propor a base ideal para que todos possam participar ativo e majoritariamente das diversas tomadas de decisão na sociedade (SEN, 2010). Conclusão Os grilhões em volta da “sociedade de ensino mecânico das bases técnicas” (SAVIANI, 2007), nos permite presumir que a ecopedagogia ainda não é temática de interesse da conjuntura brasileira e, pelo visto, nem mundial. No entanto, para que a sustentabilidade consiga atingir considerável magnitude a ponto de transformar a consciência de milhares de pessoas, a educação é, evidentemente, a ponte de acesso que conduz e mais se aproxima deste júbilo. A estratégia para tal alcance consiste em suscitar nas políticas públicas o anseio por uma inclusão nas disciplinas comuns da escola, que se distinga das demais por sua pedagogia e conteúdo: a ecopedagogia. A visão holística propiciada dentro dos moldes dessa proposta de ensino permite ao emissor e receptor a capacidade de se sentir parte e ao mesmo tempo responsável dos problemas socioambientais da humanidade. É nisso que Gadotti se baseia quando em sua obra Educar para a sustentabilidade, publicada no ano de 2007, transcorre em suas páginas temas que estão distante do que se entende por egoísmo e injustiça, se aproximando de princípios éticos de igualdade e solidariedade no que tange a promoção de uma educação capaz de transformar e perseguir objetivos para uma “planetariedade”, que considere a Terra como organismo vivo e em evolução. Em cada escola, há um conjunto de interesses e ideologias submersas sobre cada espaço de sua estrutura, sobre os discentes, docentes e funcionários, poder administrativo local, que um par de olhos bem apurados conseguirá distinguir com precisão cada traço de suas características/objetivos distintos para com as outras escolas. Essas características intrínsecas de cada realidade institucional ligadas, à priori, a perseguição de um ideal quantitativo na “qualidade do ensino”, não

estão nem de longe associadas com as ideias a que se propõe a EA. Por se falar nisso, a EF esbarra na parte lateral da EA e, abre espaço para conflituosas dissensões ideológica-prática dentro e fora da escola, nos fóruns nacionais e internacionais, nos diálogos travados entre os que se prontificam com destacado interesse pela pauta e, ironicamente, por último, a sociedade. Por fim, considera-se esta temática fundamental no que diz respeito a gestão sustentada dos recursos ambientais, para tanto, se mostra necessário o surgimento de novas pesquisas, considerando que o cenário educacional, pedagógico e sustentável se revela pouco debatido nas academias.

**PALAVRAS-CHAVE:** SUSTENTABILIDADE. EDUCAÇÃO AMBIENTAL. EDUCAÇÃO FORMAL NA ESCOLA.

**ÀREA TEMÁTICA:** PEDAGOGIA

**FORMA DE APRESENTAÇÃO:** PÔSTER